

11733 - Espaços agrícolas: um estudo descritivo com os agricultores familiares da comunidade Nossa Senhora de Nazaré, Manacapuru, Amazonas

Agricultural areas: a descriptive study with family farmers in the Community Our Lady of Nazareth, Manacapuru, Amazonas

VASQUES, Marinete da Silva¹; FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto²; SANTIAGO, Jozane Lima³; PEDROZA, Suzi Cristina⁴; CHAGAS, Jolemia Cristina Nascimento⁵.

¹Curso de Pós-graduação em Agronomia Tropical, Universidade Federal do Amazonas - UFAM, marivasques2000@yahoo.com.br ; ²UFAM, Núcleo de Socioeconomia (NUSEC), tecafraxe@uol.com.br ; ³NUSEC, jozane_lima@yahoo.com.br ; ⁴UnB, suzyycris@yahoo.com.br ; ⁵Curso de Pós-graduação em Agronomia, UFAM, jolemia1@hotmail.com

Resumo

Esta pesquisa objetivou analisar através de um estudo descritivo, as formas de ocupação dos espaços pelos agricultores familiares da Comunidade Nossa Senhora de Nazaré, localizada no município de Manacapuru, Amazonas. Estes espaços agrícolas são locais, onde as relações sociais ocorrem, contribuindo para a troca de plantas entre os comunitários e comunidades vizinhas, auxiliando assim na manutenção e conservação da agrobiodiversidade.

Palavras-chave: Quintais agroflorestais, comunidades ribeirinhas, agricultura familiar

Abstract

This study aimed to verify and analyze through a descriptive study, the forms of occupation of family farmers in the Community Nossa Senhora of Nazaré, located in the city of Manacapuru, Amazonas. These agricultural areas are also places where social relations occur, contributing to the exchange of plants between the community and surrounding communities, thus assisting in the maintenance and conservation of agro-biodiversity.

Key-words: Agroforestry gardens, riverside communities, family farms

Introdução

As comunidades amazônicas instituíram formas de convívio com a floresta tropical úmida, enfrentando as condições que lhes foram impostas pelo ambiente e compatibilizando a exploração dos recursos locais com sua conservação. Contudo, a formação dessas comunidades, embora tenha ocorrido em tempos diferenciados, foi impulsionada por diversos ciclos de ocupação e modelos econômicos implantados, o que fez surgir uma sociedade singular que interage de forma diferenciada com seu meio (SIMONETTI, 2004).

Neste contexto ao pensar nos agricultores de Nossa Senhora de Nazaré e ao analisar suas formas de apropriação do espaço, é perceptível que o “espaço dinâmico” expressado por Milton Santos, tenha um sentido mais “íntimo” para alguns moradores, pois envolve o sentimento de identificação e de afetividade.

Para tanto, o espaço é dinâmico, pois pressupõe empreendimento de ações humanas na sua configuração de acordo com suas necessidades. Noda (2000) afirma que a organização do espaço é social, pois, obedecem às formas particulares de manejo dos recursos naturais, isto permite inferir que as relações de grupos humanos com a agrobiodiversidade em particular, podem ser consideradas a partir de várias perspectivas.

Entre elas, a que é talvez a mais imediata visível, refere-se à dependência, direta ou indireta, dos homens em relação às plantas para a sobrevivência (AMOROZO, 1996).

Desta forma, as atividades agrícolas estão intimamente relacionadas com o uso dos recursos naturais. Essa relação se caracteriza pela criação de agrossistemas, isto é, sistemas de cultivo baseados no domínio das dinâmicas dos ecossistemas ou sistemas naturais. Devido a essa proximidade entre o agricultor e o meio natural é importante conhecer a percepção que ele possui diante deste meio e de questões ambientais que se relacionam diretamente com suas atividades produtivas. Assim esta pesquisa, objetivou-se através de um estudo descritivo, verificar e analisar as formas de ocupação dos espaços pelos agricultores familiares da Comunidade Nossa Senhora de Nazaré, localizada no município de Manacapuru, Amazonas.

Metodologia

O estudo foi realizado na Comunidade Nossa Senhora de Nazaré (Latitude: 03°35'04"S e Longitude 60°56'03"W), localizada na Costa do Paratari II, a margem esquerda do rio Solimões, Médio Amazonas, distante aproximadamente 51,2 km em linha reta do Município de Manacapuru que situa-se à margem esquerda do rio Solimões, na confluência deste com o rio Manacapuru, a 84 km da Capital Manaus por via terrestre e 157 km por via fluvial. Para a coleta de dados em campo foram realizadas entrevistas estruturadas através da utilização de formulários, bem como as entrevistas semi-estruturadas, conversas informais com os agricultores, relatos orais, mapas mentais e observação participativa.

Resultados e discussão

Dentre as formas de ocupação pelos agricultores familiares da Comunidade Nossa Senhora de Nazaré, estão os quintais agroflorestais, e as roças.

O quintal agroflorestral é um elemento proeminente na paisagem de Nossa Senhora de Nazaré e pôde ser verificado na maioria das residências da comunidade. Os quintais localizam-se ao redor da propriedade familiar e funcionam como despensas naturais no dia-dia dos agricultores. O conhecimento tradicional dos agricultores de Nossa Senhora de Nazaré classifica os subsistemas ali existentes, atribuindo-lhes virtudes ligadas a um simbolismo polissêmico. Para alguns o quintal é considerado um local de identificação familiar e de preservação. Nunes (1994), relata que o quintal é o espaço em que o ser humano desenvolve suas primeiras relações com o ambiente, é no quintal que se mora, brinca, relaciona-se, planta-se e se aprende a conviver de modo harmonioso com a diversidade ali existente.

“O quintal é um zelo que você tem no seu terreiro, tem o prazer de viver, de limpar, o quintal é uma identidade, mostra que a pessoa é limpa.” (E.O.P., 27 anos, ribeirinha, agricultora, Comunidade N. S^a de Nazaré).

“O quintal é um cercado ao redor da casa, é a minha vida, é o nosso mundo família, onde se planta para comer e trabalhar.” (B.P.R., 75 anos, ribeirinho, agricultor, Comunidade N.S^a de Nazaré).

Verifica-se nos relatos acima que a percepção acerca do quintal apresenta pouca diferença entre os gêneros. As mulheres concebem o quintal como um espaço associado

ao lazer e a limpeza, e ao espaço familiar. Os homens normalmente associam o quintal à plantação de vegetais e ao trabalho gerado pelo manejo dos cultivos.

Durante as entrevistas, observou-se que os moradores mais antigos demonstravam um entusiasmo maior ao conceituar um quintal, por desenvolverem suas atividades diárias no espaço de produção sem muito compromisso com os plantios comerciais, deixando esta tarefa para seus filhos e netos executarem.

A produção obtida da criação de pequenos animais nos quintais agroflorestais da comunidade é destinada exclusivamente para subsistência das famílias, principalmente as aves, como galinhas e patos. No entanto, alguns agricultores comercializam seus animais na própria comunidade quando há um aumento nas criações ou em ocasiões especiais como nas festividades promovida na comunidade ou em comunidades vizinhas.

Em área de várzea, a redução do plantel é programada de modo a atender as limitações como: instalações e oferta de alimento para as criações durante o período da cheia. Os agricultores-criadores constroem apenas pequenas adaptações suspensas e/ou flutuante para acomodar suas matrizes neste período.

Conforme os dados obtidos, para 61% dos entrevistados, os quintais agroflorestais, são uma importante fonte de renda, contudo cerca de 23% afirmam que o quintal é um espaço que serve para obter alimentos, como frutas e hortaliças, enquanto que 16% responderam que este subsistema de produção é importante pois, é através deste que exercem uma profissão, ou seja a de agricultor.

Quando questionados por que se consideram agricultores, a maioria afirmou que se consideram por que aprenderam a trabalhar com a agricultura desde criança, sob orientação dos próprios pais, pela necessidade imediata de ter uma fonte de renda e por falta de alternativas nas quais poderiam obter domínio das técnicas e assim exercê-las.

A diversificação de espécies vegetais é tida pelos agricultores como estratégia que lhe dá autonomia sobre os terrenos e segurança alimentar, além da estabilização dos rendimentos que são em torno de R\$ 400,00 a 1.000,00 mensais para cada família.

No entanto, os baixos recursos financeiros e subordinação dos agricultores no que se refere às relações de comercialização com os marreteiros⁶ e feirantes indicam que, essas formas de produções tradicionais, ainda possuem aspectos segundo Fraxe (2007), das sociedades cujo trabalho ainda não se tornou mercadoria, pois a lógica de produção e reprodução social está associada, sobretudo, aos recursos naturais e ao clima.

Assim, as culturas tradicionais possuem singularidade por se desenvolverem como forma de produção mercantil simples onde, nesse processo de produção, a natureza também se transforma em objeto de compra e venda e as comunidades se reproduzem socialmente explorando a multiplicidade de recursos naturais existentes. A exploração destes recursos exige um conhecimento aprofundado do ecossistema, do período de produção e reprodução das espécies, do calendário climático, dos ciclos naturais, etc (DIEGUES,

⁶ Termo regional utilizado pelos camponeses para designar os proprietários de pequenas embarcações, que deslocam-se até as comunidades ribeirinhas em época de colheita, levando produtos de uso doméstico, quinquilharias, vestuários para de trocá-los por produtos agrícolas e de extrativismo.

1996).

Na comunidade, a seleção das espécies a serem cultivadas para a comercialização são tarefas dos homens, enquanto que as espécies de uso doméstico são de responsabilidade das mulheres, conforme verificado no relato abaixo, House e Ochoa (1998) salientam que a mulher tem uma percepção multidimensional, buscando ampliar a biodiversidade de sua roça, em contraste com o homem que possui um ponto de vista unidimensional, empenhando-se em melhorar o rendimento de algumas espécies em particular.

Essa tarefa cotidiana constitui-se em uma importante atividade doméstica, garantindo o acesso das famílias a uma dieta saudável e adequada ao gosto e às tradições locais.

As mulheres levam em consideração a produtividade e consideram que as espécies oriundas de outras comunidades vizinhas ou de vizinhos da própria comunidade desenvolvem-se bem nas condições de seus quintais particulares, quando bem cuidados.

Um outro espaço de cultivos denominado de roça, a produção é voltada para a fabricação de farinha de mandioca (*Manihot esculenta*) sendo esta uma atividade de grande importância, não somente pelo aspecto econômico, mas também pelo lado social, visto que ela aumenta as relações sociais entre os membros das famílias (esposa, marido e filhos e parentes próximos) e entre as famílias locais.

Na comunidade há dois tipos de roças, em sistema de monocultivo, onde são cultivadas mandioca e macaxeira, e em sistema misturado onde são cultivados além da mandioca, o jerimum (*Curcubita pepo*) e a banana (*Musa sp*), dentre alguns tipos de hortaliças, as denominadas culturas temporárias que são colhidas à medida que apresentam as características desejáveis para o consumo, contribuindo para a diversificação da colheita em qualquer época do ano.

Agradecimentos

À Universidade Federal do Amazonas e ao Programa de Pós-Graduação em Agronomia Tropical. Aos moradores de Nossa Senhora de Nazaré. À FAPEAM, pelo incentivo e concessão da bolsa.

Referências

- AMOROZO, M. C. M.; MING, L. C.; SILVA, S. M. P. Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas: **Anais**. Rio Claro, SP: UNESP, 2001.204p.
- AMOROZO, M. C. M. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. *In*: DI STASI, C. (Org). Plantas medicinais: arte e de ciência: um guia de estudo multidisciplinar. São Paulo: Ed: UNESP, 1996.
- DIEGUES, A. C. S. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, 1996. 169p.
- FRAXE, T. J. P.; WITKOSKI, A.C.; PEREIRA, H. S. **Comunidades Ribeirinhas**

Amazônicas: Memória, modos de vida e uso dos recursos naturais. Manaus: EDUA, 2007. 224p.

HOUSE, P.; OCHOA, L.. *In*: Lok, R. et al., **Huertos tradicionales de America Central: Características, benefícios e importância desde um enfoque multidisciplinar**. Costa Rica: CATIE, 1998. 61-79p.

NUNES, B. Casa, praça, jardim e quintal. **Ciência & Trópico**. v. 22.n. 2, 1994. 262-266p.

SIMONETTI, S.R. **A dinâmica sócio-ambiental das comunidades ribeirinhas do Rio Parauari em Maués**: Um estudo de caso das comunidades vila Darcy e Acaoera. 2004. 153p. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazonia)-Universidade Federal do Amazonas.